

A “VIRADA PROFÉTICA”: OS ENCONTROS DO PAPA FRANCISCO COM OS MOVIMENTOS POPULARES

The “Prophetic Turn”: Pope Francis’s Meetings with Popular Movements

Paulo Barrera Rivera¹
Rogério Pamponet²

Resumo: No pontificado do Papa Francisco tem sido recorrente, nas ações e mensagens, uma inédita sensibilidade para com população social e economicamente mais vulnerável. Diferente de João Paulo II, que ao longo de seus quase 27 anos de pontificado dedicou importantes esforços a deslegitimar a Teologia da Libertação e desmontar a prática pastoral articulada em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Francisco, em poucos anos, consolidou uma preferencial interlocução com os “movimentos populares” do sul do mundo. Este artigo analisa essa interlocução tomando como referência os três encontros mundiais com os movimentos populares promovidos por Francisco. Revisa-se aspectos centrais da “Teologia do povo” presente no pensamento do Francisco anterior a seu pontificado. Defende-se a hipótese de que Francisco consolida uma retomada profética de preocupação pelos mais vulneráveis. Discute-se também, a partir das recentes teorias dos novos movimentos sociais, o sentido e abrangência dos “movimentos populares” com os quais Francisco abriu interlocução direta. A constante referência de Francisco às periferias é avaliada em diálogo com o pensamento de Henri Desroche.

Palavras-chave: Papa Francisco, profetismo, movimentos populares, América Latina

Abstract: In Pope Francis' pontificate, an unprecedented sensitivity to the socially and economically vulnerable population has been recurrent in actions and messages. Unlike John Paul II, who during his almost 27 years as pontificate has devoted important efforts to de-legitimizing liberation theology and dismantling the pastoral practice articulated around the base ecclesial communities, Francis, within a few years, consolidated a preferential interlocution with the "popular movements" of the south of the world. This article analyzes this dialogue taking as reference the three world meetings with popular movements promoted by Francisco. Central aspects of the “theology of the people” present in the thought of Francis prior to his pontificate are reviewed. It is argued that Francis consolidates a prophetic recovery of concern for the most vulnerable. Based on recent theories of new social movements, the meaning and scope of “popular movements” in Francisco's discourse are also discussed. Francisco's constant reference to the peripheries is assessed in dialogue with Henri Desroche's thinking.

Keyword: Pope Francis, prophetism, popular movements, Latin America

¹ Doutor em Ciências da Religião e professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Email: dariopbr@terra.com.br

² Mestre e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Email: rogeriopamponet@gmail.com

Introdução

Após a inédita eleição de um papa latino-americano (e da região sul do planeta) já na segunda década do século XXI (2013), o mundo acompanhou sua aceitação junto à grande parte dos fiéis católicos e dos simpatizantes de outros credos ou sem credo algum, numa revelação de sintonia pelos sinais de simplicidade e de autonomia (mesmo que parcial) em relação à Cúria Romana e seus hábitos (ou vícios) seculares e graves escândalos até pouco antes desconhecidos. Papa Francisco deu início em breve intervalo de tempo a planos de reforma da Cúria e do Instituto para as Obras de Religião (IOR), o banco do Vaticano, e preparou a exortação apostólica sobre a nova evangelização (*Evangelii Gaudium*) e a encíclica sobre a ecologia humana (*Laudato Sí*) que guardam, até agora, os principais fundamentos e conceitos de seu discurso e programa pontifício.

As palavras e ações do papa poderiam ser interpretados como retorno romântico ao passado teologicamente marcado pelo Concílio Vaticano II ou como estratégia de recuperação de fiéis³ e ambas as observações seriam razoáveis. Todavia, um olhar atento à trajetória eclesial percorrida por Jorge Bergoglio concede, ao menos, o benefício da dúvida sobre as raízes teológicas de suas intenções de fundo. Significativo, também, é o fato de que, além do tom social, sua pregação recupera e valoriza o aspecto místico do profetismo cristão e ratifica a natureza (ao mesmo tempo) social e espiritual do seu *cristianismo profético*, duas dimensões inseparáveis neste conceito. O papa tem assumido um (cada vez mais) claro tom profético em muitos de seus discursos e ações; ele parece não temer as conseqüentes *antipatias* e riscos que podem surgir por sua franqueza em denunciar comportamentos incoerentes com a fé cristã nas esferas mais elevadas da hierarquia da Igreja Católica e mesmo do sistema hegemônico capitalista mundial desumanizado e desumanizante.

O tom profético deste Papa contrasta com uma atitude que se verifica em setores da Igreja que caem na tentação de uma “idolatria institucional” que “sacraliza a instituição, privando-a de toda crítica e, conseqüentemente, de qualquer reforma” e

³Há dados consistentes que mostram séria diminuição do número de católicos e razões para considerar apropriado, ainda, a afirmação de uma “descatolização” do mundo. O crescimento pentecostal que se alimenta de muitos ex-católicos é uma evidência e, de outro lado, o aumento dos sem religião (expressivo inclusive na América Latina). Veja-se o dossiê dedicado ao tema na revista *Estudos de Religião*, v 31, n. 3, 2017.

correção. As tradições longevas fortemente institucionalizadas não costumam abrir espaço para qualquer forma de autocrítica pois se tornam auto referenciadas. Dito em perspectiva teológica, se está frente a sério problema quando “a instituição se torna um fim em si mesma, impedindo a transparência da experiência originária”. A Igreja não é o Reino, mas “seu sinal e instrumento”, ou na linguagem do Vaticano II, seu “sacramento” (BRIGHENTI, 2007). É este, justamente, o significado do conceito de “autorreferencialidade” na Igreja que Bergoglio critica frequentemente como o fez no discurso de abertura da Assembleia Geral à Conferência Episcopal Italiana, CEI, em maio de 2016⁴. Nesta ocasião, lembrando a figura do bispo brasileiro Dom Hélder Câmara, Francisco admoestou padres e bispos a não se gastarem em uma “pastoral de conservação que obstaculiza a abertura à perene novidade do Espírito”, mas se lançarem, sem raízes fixas, na missão de levar o povo de Deus ao Encontro com Jesus, é este *encontro* a “respiração que liberta de uma autorreferencialidade que isola e aprisiona”. Neste evento, Francisco menciona o “perfume de profecia” que exala da vida de comunhão cristã e de desapego: “mantenham somente o que pode servir para a experiência de fé e de caridade do povo de Deus”; é um apelo à pobreza evangélica.

A postura profética de Francisco, que aqui analisamos, parece se confirmar como uma característica duradoura. Nessa perspectiva, já é evidente a necessidade de resistir aos ataques que comumente são lançados contra os profetas ou reformadores. O profetismo de Francisco tem claras implicações políticas para além das fronteiras eclesiais, teológicas e do Vaticano. E, ao que tudo indica, seu sustento está em uma tradição milenar que, a despeito dos interesses históricos de sistemas opressores, está demonstrando capacidade de resistência, provavelmente por ser um profetismo (atípico) que se organiza na cúpula da instituição, mas com forte sintonia com a periferia do mundo.

A Teologia do Povo

Este é um tema fundamental para a compreensão do pensamento e tendências do pontificado de Francisco: a vertente teológica que nasceu no mesmo contexto da Teologia da Libertação, mas que seguiu rumo diferente, muito embora com conseqüências afins

⁴ Versão traduzida no site <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555145-quem-e-o-padre-hoje-segundo-francisco-discurso-do-papa-aos-bispos-italianos-cita-d-helder-camara#.VztL5HHR0m0.facebook>>. Acesso em outubro de 2017.

tanto no campo das ações como no das perseguições. Lucio Gera, Rafael Tello e Juan Carlos Scannone (falecido em novembro de 2019) são expoentes desta corrente de pensamento junto a diversos outros autores; eles encontraram neste modo de fazer teologia uma resposta especificamente argentina e, talvez, mais próxima da Doutrina Social da Igreja. Há entre estes também uma teóloga argentina, Emilce Cuda, que, na proximidade com Scannone, tem difundido o sentido da Teologia do povo e seu papel na argentina e no ministério do Papa Francisco. Sua contribuição para com a Teologia do Povo, junto com Scannone, tem sido a de fazer a ligação desta com a simbologia, o pensamento e atitudes deste Papa; neste sentido publicou o livro *Para leer a Francisco. Teología, ética y política* (CUDA, 2016).⁵

A Teologia do Povo parte da consideração da religiosidade popular que é portadora de uma mística própria. Ela pode estar em sintonia com a mística tradicional proposta pelos pastores e teólogos ou pode estar distante desta, o que não representa sempre uma contradição a ser superada. Na esteira da “oposição polar” cara a Francisco, a religiosidade popular pode ser uma autêntica forma de manifestação legítima do Povo de Deus. Francisco vincula a religiosidade popular com a cultura popular e considera a cultura como algo dinâmico que “um povo recria constantemente”⁶. Em *Evangelii Gaudium* diz:

As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas... (EG 90). Da mesma forma, podemos pensar que os diferentes povos, nos quais foi inculturado o Evangelho, são sujeitos coletivos ativos, agentes da evangelização. Assim é porque cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história. A cultura é algo de dinâmico, que um povo

⁵ Veja-se em particular o Cap. 7 “Fundamentos teológicos de lo político: de Bergoglio a Francisco” (CUDA, 2016).

⁶ Seguindo a rica contribuição da Antropologia dos povos indígenas e afrodescendentes, especialmente da segunda metade do século XX, é evidente que o conceito de “inculturação”, embora rico na perspectiva teológica e pastoral, é insuficiente para explicar os resultados do encontro de longa duração entre culturas ou povos diferentes ou mesmo para explicar a ideia de “entrar na cultura do outro”. Bastide (2006), por exemplo, afirma que se há alguma forma de “aculturação” ela é sempre de mão dupla e de resultados imprevisíveis. Duviols (1977) demonstra o aperfeiçoamento das “técnicas de camuflagem” das religiões andinas perante a violência evangelizadora. Wachtel demonstra que a religiosidade de Aymaras e Cristãos foi reabsorvida pelos Urus num sistema de representações submisso às lógicas indígenas preexistentes (1997). Por seu lado, para as regiões amazônicas, Chaumeil demonstra não apenas a persistência, mas a expansão dos xamanismos (1983).

recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais que esta nova geração deve reelaborar face aos próprios desafios... (EG 122). Na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se... (EG 123).

Esta religiosidade ou piedade popular tem como critério de verificação o enraizamento na cultura popular, o que a impede de resvalar em “espiritualidades de bem-estar” fundamentadas por uma “teologia da prosperidade” (EG 90). Francisco se coloca na esteira da tradição pontifícia ao mencionar o valor que Paulo VI deu à piedade popular que expressa uma “sede de Deus” única e ao lembrar como esta transparece na “alma dos povos latino-americanos” (EG 123). Também o Documento de Aparecida (V CELAM, 2007) expressa esta percepção do Magistério pontifício ao dizer que esta “mística popular” não é “vazia de conteúdos”, mas os exprime pela “via simbólica” mais do que pela razão. O Papa ordena: “Não coarctemos, nem pretendamos controlar esta força missionária!” (EG 124).

A Teologia do Povo (TP), segundo Scannone, não parte da análise das “relações estruturais de produção”, mas na “consideração da mentalidade e do paradigma histórico-cultural que se ‘encarnam’ e se estruturam nessas relações socioeconômicas” (CUDA, 2016, p.16, prólogo de J.C. Scannone); da mesma forma o faz Francisco, na esteira do Concílio e da III Conferência do CELAM em Puebla⁷. Scannone comenta a apresentação que Cuda faz dos principais autores da TP: Lucio Gera e Rafael Tello. O primeiro era motivador de uma *revolução* não violenta, mas radical; era crítico da razão iluminista “tanto do liberal individualista como do socialista vanguardista”: o “agente” das transformações sociais era o povo⁸, “sujeito de uma história comum, de uma cultura ou estilo comum de vida e de uma decisão pelo bem comum”; o povo é portador de uma sabedoria própria sobre “o sentido último da vida” (CUDA, 2016, p.17, prólogo de J.C. Scannone). Quanto a Tello, Cuda privilegia o protagonismo do povo que evangeliza a partir de sua cultura já evangelizada. O “conceito chave desta teologia é a inculturação

⁷ México, 1979.

⁸ A Teologia do Povo corresponde a um período (anos sessenta e setenta) dos movimentos populares na América Latina que vê no Estado (Nação) o adversário contra o qual se mobiliza. O projeto político dos movimentos populares visa a tomada ou o controle do poder do Estado. Os “movimentos sociais” correspondem ao século XXI quando os movimentos populares passaram por importantes reconfigurações em que o controle do Estado deixou de ser o objetivo. Veja-se adiante nossa reflexão a esse respeito.

ou encarnação da fé” na cultura (CUDA, 2016, p.17-18, prólogo de J.C. Scannone). Avançando mais na compreensão da TP, notamos, com a guia de Cuda que, a crise sociopolítica instalada nas sociedades capitalistas de então, como do presente,

não está só nas relações de produção – como o identificavam algumas correntes da Teologia da Libertação em concordância com as categorias sociológicas do marxismo -, mas também no *ethos* cultural que prioriza uns valores em lugar de outros – como, por exemplo, o ser individual em oposição ao ser social –. Isto explica, em parte, porque para Francisco as causas da injustiça devem ser buscadas no político e não no econômico, já que considera a economia uma consequência das decisões políticas (CUDA, 2016, p.74-75).

A independência em relação ao referencial teórico marxista tem seu lastro na concepção de que a cultura tem mais influxo sobre a economia que o contrário, critério que *personaliza* o sistema e permite a ação do humanismo integral, ideal perseguido por Paulo VI e teorizado por J. Maritain⁹. Mas Cuda adverte que a TP se utiliza de categorias próprias da análise marxista da realidade social como a de *classe*, a distinção está em que este uso não é generalizado; os trabalhadores, por exemplo, não são vistos como classe, mas como *povo*. As classes sociais são aquelas das camadas “conservadoras” da sociedade, seja da Direita, seja da Esquerda, que não enxergam os pobres como sujeitos sociais. A TP não vê os trabalhadores latino-americanos como proletariado, mas como “povo pobre”, oprimido, logo, sem articulação política, sem voz, “sem discurso” (CUDA, 2016, p.76); “suas necessidades são expressas na linguagem do símbolo, anterior ao momento da demanda”, a cultura é o veículo não necessariamente discursivo do protesto dos oprimidos para esta teologia.

O Profetismo de Francisco

O profetismo é um fenômeno que conduziu o processo religioso em diversos momentos da história, conferindo ao discurso sagrado uma dimensão ética que em alguns períodos fundamentou a solidariedade pela qual o povo manifestava sua fidelidade a Deus e sua pertença a este mesmo povo. A atitude contestadora e religiosa que caracteriza o profetismo de Francisco se insere neste conjunto e guarda semelhanças específicas com o profetismo bíblico. Mendonça, em contexto anterior ao de Francisco, percebeu esta característica e afirmou que se as religiões acreditam ter algo de permanente devido à sua

⁹J. Maritain, *L'humanisme intégral*. Paris, Aubier, 1936.

“tradição e memória, por intermédio do seu instrumento clerical e sacerdotal, elas estão sempre se modificando através de outro instrumento que é o profetismo contestatário e corretivo que há no seu interior” (MENDONÇA, 2004, p.38).

A análise que Francisco faz da realidade eclesial contemporânea tem teor profético no sentido weberiano de contraste com a burocracia sacerdotal, no tocante ao funcionalismo dos que se entusiasma mais com as estruturas do que com os imperativos éticos. O Papa menciona frequentemente a ligação desta atitude com o *clericalismo*; ele chama a atenção para o fato de que, mesmo os leigos caem nesta tentação, a de serem clericalizados. Isto resulta em falta de maturidade cristã em boa parte do laicato mundial¹⁰. A noção weberiana de profeta se faz, aqui, necessária. Uma nota importante é a caracterização ideal do portador do *carisma* profético (WEBER, 1991, p.158-159); este não se liga à preocupação econômica e rejeita “o aproveitamento econômico dos dons abençoados como fonte de renda”. Esta característica é recorrente no cristianismo profético; o próprio Weber atesta, por exemplo, que a “renúncia a cargos eclesiásticos pelos jesuítas é uma aplicação racionalizada deste princípio de ‘discípulos’”(Ibid., p.160-161). O profetismo é forte experiência de fé transformadora e de esperança utópica; esta esperança é presente na maioria dos profetas contemporâneos como, por exemplo, o teólogo José Comblin, falecido em 2011. Ele a expressa também quando afirma que a Igreja deve dar testemunho de “outro modelo de sociedade”;

A Igreja deve expressar-se em casos particulares em lugares e tempos únicos para dar a entender qual é a sua mensagem. [...] Se a CNBB publica um documento sobre a questão, ninguém presta atenção. O testemunho social da Igreja deve ser visível, situado e cheio de significado, dado por pessoas significativas. O Papa atrai mais a TV do que um bispo e um bispo mais do que um padre e um padre mais do que um leigo. Daí uma responsabilidade maior para quem está mais exposto à mídia. Em lugar de doutrina social da Igreja precisamos de testemunho social da Igreja. (COMBLIN, 2006, p. 62-63)

Este “testemunho social da Igreja” é o cotidiano de Francisco em seu pontificado, embora críticas possam e devam ser feitas quanto aos seus limites; críticas que têm sido abundantes, dada a insatisfação tanto de setores conservadores (religiosa e economicamente) como de setores progressistas que reclamam mais abertura,

¹⁰Discurso Do Papa Francisco aos membros da Associação “Corallo” que reúne as emissoras televisivas Católicas Italianas. 22 de Março de 2014. Acessível em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140322_associazione-corallo.html>. Acesso em outubro de 2017.

especialmente no campo moral. Mas o profetismo segue estradas próprias ditadas pela experiência religiosa, no caso de Francisco, a experiência do “encontro” pessoal e místico com a misericórdia do Deus que vem nos visitar, pois, nas palavras de Balthasar, “só o amor é crível”¹¹. É importante constatar, no entanto, que o deslocamento da ênfase no econômico para o político no discurso de Francisco poderia estar na contramão da despreocupação pelo controle do poder político (do Estado) pelos novos “movimentos sociais” do século XXI, como veremos a seguir.

Os Movimentos Populares:

Nos estudos sobre as relações Estado – Sociedade Civil na América Latina dos anos sessenta e setenta, frequentemente se usou a expressão “movimento popular” como ator político contestador do Estado e, ainda, como ator político que visava o controle do Estado. Durante a época das ditaduras militares e mesmo no período posterior a elas os MP foram considerados, na Sociologia e na Ciência Política, importantes atores políticos adversos ao Estado. Na Teologia da Libertação dessa época também os MP aparecem como os principais “sujeitos da história”. No final do século XX e início do XXI os atores sociais passam por importantes reconfigurações. De fato, os estudos sociais procuram outros conceitos, como “movimentos sociais” e novos movimentos sociais”. A abundância de estudos sobre essas mudanças não permite abordá-las a contento. Mas é muito importante para nosso tema registrar uma delas: os novos movimentos sociais incorporam atores mais preocupados em questões culturais (identidades culturais) e pouco preocupados em questões propriamente políticas. Trata-se de novos atores que colocam na agenda pública novas reivindicações: movimentos feministas, ambientalistas, indígenas, de gênero, entre outros. Além de um deslocamento do político e econômico para o cultural, os novos movimentos sociais, facilitados pela recente tecnologia de comunicação, se articulam em nível internacional e global. Uma implicação disso é que o Estado nacional como principal adversário ou alvo se perde de vista (ALONSO 2009).

As referências de Francisco aos Movimentos Populares não correspondem a um anacronismo. Mesmo utilizando uma expressão própria de décadas passadas ela diz respeito a parte dos atores sociais contemporâneos e, ao mesmo tempo, recupera uma

¹¹É o tema do livro de Balthasar: *Glaubhaftist nur Liebe*. Einsiedeln, JohannesVerlag, 1963. (Só o amor é crível).

dimensão política em escala global. O cristianismo profético do Papa Francisco e sua relação com os movimentos populares pode verificar-se tanto nos discursos quanto nos eventos por ele promovidos. Os Encontros Mundiais dos Movimentos Populares (EMMP) com o Papa Francisco se deram em outubro de 2014 no Vaticano, julho de 2015 na Bolívia e novembro de 2016 no Vaticano. Além destes, um encontro regional se deu em fevereiro de 2017, na Califórnia (EUA) e outro em janeiro de 2018, em Temuco no Chile, coincidindo com a visita do Papa a este país.

Numa compreensão mais ampla e geral os movimentos sociais compreendem hoje tanto aqueles que “representam os interesses do povo, como os que reúnem setores dominantes no regime capitalista” que não pretendem transformar de fato as “estruturas de dominação” (CAMACHO e MENJÍVAR, 2005, p.15)¹² das quais derivam grande parte de seus privilégios. A distinção entre uns e outros se daria, segundo esses autores, pelo seguinte:

Podemos dizer então que os movimentos sociais têm duas grandes manifestações; por um lado, aqueles que expressam os interesses dos grupos hegemônicos e, por outro, os que expressam os interesses dos grupos populares. Estes últimos são os que conhecemos como movimentos populares. (CAMACHO e MENJÍVAR, 2005, p.15)

É evidente nessa distinção entre movimento popular e movimento social a relação com o Estado. A concepção de povo para esses autores seria, assim, aquela que o entende constituído “pelos setores da sociedade que sofrem a dominação e a exploração” (Camacho e Menjívar, 2005, p.16). Neste contexto, o protagonismo social é o elemento que caracteriza os movimentos populares para além daquela visão do *protagonismo exclusivo* das classes dirigentes, dos políticos, dos caudilhos, etc. Destaca-se, então, nesta construção conceitual, a capacidade de atuar: “manifestações da sociedade civil frente à sociedade política” (idem). Os movimentos populares são “o povo em movimento” por melhores condições de vida, ou seja, pela luta em busca das necessidades básicas para a reprodução da vida. Eles são profundamente heterogêneos, por isso, a dificuldade em construir uma “matriz teórica”, mas guardam uma característica em comum, são sociedades civis que se relacionam com a sociedade política, o Estado, sem pretender controlar o poder político, o Estado. Sua função maior é a de conseguir deste Estado a satisfação de algumas de suas necessidades (idem). Ainda segundo esses autores, são

¹² Tradução nossa.

movimentos que podem influenciar o processo político, como foi o caso de Chile, Nicarágua e Cuba, em que houve um “projeto político alternativo” (Camacho e Menjívar, 2015, p.17). Mas também sofrem pela “dominação ideológica” globalizada que busca desmobilizar a população mais crítica.

Outro elemento característico dos movimentos populares latino-americanos, até os anos setenta, e que incide em nossa temática é o fato de que os que mais se destacaram foram os que estiveram sob o “manto protetor da Igreja católica em sua ala progressista, da Teologia da Libertação”. Algumas reivindicações dos primórdios da Teologia da libertação podem, sem dúvida, inspirar as perspectivas para os Encontros Mundiais dos Movimentos Populares (EMMP) visto que é nessa relação legitimadora que estes encontros acontecem. O profetismo de Francisco é contestador, mas desde dentro da Instituição e desde a cúpula da mesma. Os movimentos populares de que tratamos aqui não se limitam à América Latina, eles se identificam com as periferias recorrentes nos discursos de Francisco e se referem aos excluídos de todo mundo, inclusive de algumas áreas marginais de países desenvolvidos. Mas a origem deste Papa e a força da Igreja da América Latina em seu pontificado concedem certa predominância aos movimentos populares desta região. No século XXI, no entanto, a relação entre os MP e a Teologia da libertação não é a mesma dos anos setenta e oitenta:

Os movimentos populares progressistas perderam, nos anos 90, o apoio irrestrito do maior aliado que tiveram ao longo dos anos 70 e parte dos 80 no Brasil: a Igreja católica, em sua ala da Teologia da Libertação. Ator e agente expressivo nos anos 70/80 junto aos movimentos populares, a Igreja tem revisto nos anos 90, suas doutrinas e práticas sociais, alterando substancialmente os rumos e diretrizes de suas ações no que se refere à participação popular na política do país [...]. Aquele apoio, teoricamente, ainda existe, mas a própria teologia deixou de ser uma política para ser uma linha de resistência (GOHN, 1997, p.314).

Esta perda de apoio se deu pela virada conservadora motivada pelo papado de João Paulo II que motivou uma política de afastamento do ativismo sócio eclesial e apoiou movimentos de tendência espiritual como a Renovação Carismática Católica (RCC); este processo parece ter anulado lentamente os líderes eclesiásticos e os grupos que estes lideravam e transformou em aproximadamente três décadas um cenário religioso que havia conquistado relevância social na região. Por outro lado, como dito acima, os movimentos sociais passaram nas últimas décadas por profundas reformulações. Os

movimentos que visavam mudanças políticas e econômicas perderam protagonismo para movimentos cujos objetivos são mais culturais. Percebe-se isso nas reformulações da teoria social sobre os movimentos sociais. Em tal situação a centralidade que Francisco dá aos “MP” recupera dimensões políticas fragilizadas em um mundo globalizado e com novos atores políticos na sociedade civil. O fenômeno Francisco pode bem ser considerado uma “virada profética”¹³, embora considerando que o atual pontífice precisaria de mais tempo (que não há) para mudar de fato o curso deste processo. Vejamos a seguir, elementos que apontam para essa virada nos Encontros Mundiais dos Movimentos Populares (EMMPs).

Os discursos do Papa Francisco nos EMMPs

Os discursos que Francisco proferiu ao final de cada encontro¹⁴ podem ser considerados como uma extensão de seu programa de pontificado que tem na *Evangelii Gaudium* as diretrizes fundamentais; juntamente com esta, os discursos aos Movimentos Populares ajudam a completar o quadro da Doutrina Social do Papa Bergoglio. Os discursos se caracterizam pela forma direta, concreta e dialogal de exposição.

Discurso do I EMMP, Roma, outubro de 2014.

Ao final do primeiro Encontro Mundial dos Movimentos Populares (EMMP), em 28 de outubro de 2014, no Vaticano, o Papa falou de sua alegria por participar daquela assembleia e partilhar com eles de sua fé, do seu pensamento e da Doutrina Social da Igreja. Ele começou exprimindo sua certeza de que os pobres sofrem pelas injustiças, “mas também lutam contra ela!” (I EMMP, op. Cit., Vol. 1, p. 5); esta introdução revela que os interlocutores do Papa são “os pobres”, aqueles que compõem a periferia, um dos polos de atração de Francisco. Neste caso, não são os pobres em geral, mas aqueles que têm a capacidade de se *organizar* e de articular movimentos que gerem as mudanças que a sociedade necessita; são membros do povo, aqui entendido como a maioria da sociedade que sofre sob o poder gerido sempre em favor das elites e as classes médias. Em categorias religiosas, são o Povo de Deus, aqueles que são objetos de “planos assistenciais ou

¹³ Termo utilizado pelo 75º Curso de Estudos Cristãos, organizado pela *Pro Civitate Christiana*, intitulado “Demos futuro à virada profética de Francisco”, Assis, Itália, 24-08-2017.

¹⁴ Os textos destes discursos do Papa, em sua integralidade, encontram-se disponíveis em PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Coleção Sendas. Edições CNBB. Volumes 1 e 4, 2015. Volume 8, 2016.

soluções que nunca chegam, ou que, se chegam, fazem-no de maneira a ir na direção de anestesiar ou domesticar” (I EMMP, op. Cit., Vol. 1, p.6) a capacidade de autodeterminação deste povo. Segundo Francisco, estes protagonistas periféricos “praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre quantos sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido” (idem).

A solidariedade é o motor das periferias que se organizam em “termos de comunidade, de prioridades da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (idem). Solidariedade se traduz por “lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de casa, a negação dos direitos sociais e laborais” (idem); é também lutar contra o poder desarticulador e desumanizador do dinheiro. É “uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem” (idem). A base deste modo de ação não é ideologia, como o próprio Francisco diz: “não trabalhais com ideias, mas com realidades” (idem). Aqui se verifica o princípio de que “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 220-237). A realidade periférica tem cheiro, “vosso cheiro é de bairro, de povo, de luta” (I EMMP, op. Cit., Vol. 1, p.7); e a luta da periferia causa medo aos poderes econômicos e políticos do mundo que têm “medo da mudança que vós pretendeis, mas sem a vossa presença, sem ir realmente às periferias, as boas propostas e os projetos que muitas vezes ouvimos nas conferências internacionais permanecem no reino da ideia” (idem).

A *afinidade eletiva* entre as *periferias* do Papa e as *marginas* de Desroche tem como elemento catalisador a esperança, assim diz o pontífice: “sente-se o vento de promessa que reacende a esperança num mundo melhor. Que este vento se transforme em furacão de esperança” (idem); aqui se fala de uma esperança concreta: *terra, casa e trabalho* que alguns confundem com pautas comunistas, “se falo disto para alguns o Papa é comunista” (idem), mas “o amor pelos pobres está no centro do Evangelho, [...] é a Doutrina Social da Igreja” (I EMMP, op. Cit., Vol. 1, p.8). Esta afirmação é de capital importância no pensamento de Francisco, a reivindicação pelos direitos dos pobres na Igreja tem sua origem no Evangelho; a questão principal aqui não é invalidar a influência marxista, mas denunciar um cristianismo que não coloca as *periferias no centro*: este não é evangélico.

O Papa prossegue seu discurso falando sobre os “3Ts”: terra, teto e trabalho. “A monopolização de terras, o desmatamento, a apropriação da água, os pesticidas inadequados, são alguns dos males que arrancam o homem da sua terra natal. Esta dolorosa separação não é só física, mas também existencial e espiritual” (idem). Estas ações são próprias de um processo global que, entre outros flagelos, impõe a fome às periferias do mundo; “a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome” (idem), denuncia o Papa; neste sentido, a “reforma agrária torna-se, por conseguinte, além de uma necessidade política, uma obrigação moral” (I EMMP, p.9). Quanto ao direito à moradia, Francisco lembra que o fundador do cristianismo “nasceu num estábulo porque não havia lugar nas estalagens” (idem) como não há lugar pra milhões de pessoas que não têm condições para ter um teto ou que foram expulsos de sua casa ou região. O Papa lembra que à casa se conjuga a família e o conjunto destas cria uma comunidade, “o bairro, e é precisamente no bairro que se começa a construir esta grande família da humanidade, a partir daquilo que é mais imediato, da convivência com a vizinhança” (idem). Estas palavras não se destinam àqueles que, seguindo a tendência global do individualismo, se isolam em suas casas, mas àqueles grupos periféricos que em geral vivem em aglomerados humanos, talvez estejam distantes do centro das cidades que “oferecem numerosos prazeres e bem-estar para uma minoria feliz [...] cidades que constroem torres, centros comerciais, fazem negócios imobiliários, mas abandonam uma parte de si às margens, nas periferias” (I EMMP, p.9-10). Nas margens/periferias estão os “bairros populares onde muitos de vós viveis subsistem valores já esquecidos nos centros enriquecidos. Estas povoações são abençoadas por uma rica cultura popular” (I EMMP, p,10); a integração das periferias não deve se dar como um “desenraizamento, nem marginalização” (idem), ou seja, a integração das periferias deve se dar sem perder aquilo que há de bom nelas, inclusive o fato da “vizinhança”, a herança dos antigos clãs que reuniam diversas famílias.

Podemos lembrar aqui das “margens” que Desroche entendia como uma espécie de pré-reino onde se abriga a esperança. É também a realidade por onde os fenômenos religiosos *avançam* e ganham relevância social e religiosa; segundo Desroche, é pelas periferias que a religião e a história se desenvolvem (DESROCHE, 2000, p.16), isso também justifica a ênfase de Francisco. A sociedade humana depende da *fecundidade*

periférica para progredir, precisa da fecundidade solidária. Muitas destas margens estiveram e ainda se encontram na América Latina e guardam grande proximidade com o mundo no qual o Bergoglio viveu e que faz parte de sua cultura e visão de mundo. É preciso dizer que suas origens não se identificam plenamente com estas periferias geográficas, mas suas opções pastorais, suas visitas às *Villa Misérias*, o contato com o povo sofrido, certamente forneceram os elementos para despertar sua sensibilidade solidária; solidariedade que segue, naturalmente, uma tendência subjetiva, pessoal e, neste caso, espiritual.

Ele continua seu discurso falando, agora, sobre o mundo do trabalho e as injustiças que os trabalhadores sofrem, especialmente os pobres e os jovens. Isto não é uma fatalidade, afirma o Papa, “a informalidade e a falta de direitos laborais não são inevitáveis, são o resultado de uma prévia opção social, de um sistema econômico que põe os benefícios acima do homem” (I EMMP, p.11). É a “cultura do descarte” que faz dos homens um “bem de consumo, que se pode usar e depois jogar fora” (idem). Nesta cultura, os que “não se podem integrar, os excluídos são descartados” porque “no centro deste sistema econômico está o deus dinheiro e não o homem, a pessoa humana”, mas no centro de cada “sistema social ou econômico deve estar a pessoa, imagem de Deus, criada para que seja o dominador do universo. Quando a pessoa é deslocada e chega o deus dinheiro dá-se esta inversão de valores” (idem) e uma das consequências é o desemprego. Segundo o Papa: “aqui na Itália, os jovens desempregados são um pouco mais de quarenta por cento; sabeis o que significa quarenta por cento de jovens, uma geração inteira, anular toda uma geração para manter o equilíbrio?” (I EMMP, p.13). Equilíbrio significa, aqui, equilíbrio das contas públicas de uma nação, em nome do qual, se aplicam políticas de austeridade econômica que ‘esmagam’ os trabalhadores e o povo em geral. Francisco elogia os artesãos recicladores: “Mas vocês inventaram o vosso trabalho com tudo o que parecia não poder ser mais usado [...] com a vossa solidariedade, com o vosso trabalho comunitário, com a vossa economia popular, conseguistes” (idem); e não só estes:

Aqui estão *cartoneros*, recicladores, vendedores ambulantes, costureiros, artesãos, pescadores, camponeses, pedreiros, mineiros, operários de empresas recuperadas, membros de cooperativas de todos os tipos e pessoas com as profissões mais comuns, que são excluídas dos direitos dos trabalhadores, aos quais é negada a possibilidade de ter um sindicato e que não têm uma remuneração adequada e estável (I EMMP, p.14).

As *margens/periferias* são detentoras do profetismo que denuncia a agressão dos poderosos sem o medo da retaliação destes, elas organizaram-se *hereticamente* em prol da transformação das condições de vida das camadas subalternas da sociedade. Assim tem agido Francisco e isso explica ao menos parte dos ataques que tem sofrido¹⁵. Muitos são os que denunciam a dominação predatória que destrói o meio ambiente e acaba com os recursos naturais, mas poucos gozam do alcance que têm as palavras do líder católico, isso se dá porque o sistema não permite as vozes dissidentes das margens/periferias e para anulá-las, utiliza-se de diversos mecanismos de censura que se aplicam também ao Papa, mas com mais dificuldade, sua voz é replicada capilarmente pelas comunidades proféticas ligadas ao cristianismo ou que se associam a este quando percebem seu profetismo. É com esta *liberdade vigiada* que Francisco denuncia o saqueio da natureza para “manter o ritmo frenético de consumo” (I EMMP, p.15) que faz sofrer mais os que vivem, por exemplo, em “zonas litorâneas em habitações precárias” (idem).

Mas todo esforço dos MPs pode ser em vão se a democracia não funciona, pois eles precisam do contexto democrático para se desenvolver, precisam de liberdade política. O Papa reconhece que os MPs “expressam a necessidade urgente de revitalizar as nossas democracias” (I EMMP, p.18), também onde elas não passam de falso arremedo. Espera-se um protagonismo das periferias; esta palavra significa ‘os primeiros na luta’, “este protagonismo transcende os procedimentos lógicos da democracia formal” que servem mais à manutenção do *status quo* do que às transformações demandadas pela maior parte da população. Estas demandas vão muito além do “assistencialismo paternalista, exige que criemos novas formas de participação que incluam os movimentos populares e animem as estruturas de governo locais [...] com aquela torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum” (idem). Palavras cheias do combustível das utopias, a esperança. Desroche a entendeu não como um “vazio pré-científico”, mas como “força que sustenta aspirações” de mudança social e “ação política que coloca a imaginação no poder”. Esta virtude tem a potencialidade de

¹⁵ Um panorama destes ataques foi apresentado por Victor Codina no artigo: Os opositores à Igreja de Francisco, disponível em <<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591343-os-opositores-a-igreja-de-francisco-artigo-de-victor-codina>>>. Acesso em setembro de 2019.

renovar a *fertilidade* social e religiosa, pois em última instância, a “função da religião é nos fazer agir, é nos ajudar a viver” (DESROCHE, 1985, p.5-6).

Discurso do II EMMP, Santa Cruz de la Sierra, julho de 2015.

No encontro dos MPs com Papa na Bolívia Francisco começou com um testemunho pessoal: “em Roma, senti algo muito belo: fraternidade, paixão, entrega, sede de justiça. Hoje, em Santa Cruz de la Sierra, volto a sentir o mesmo” (II EMMP, op.cit., vol. 4, p.5). Em seguida, ele manifesta sua alegria de ver a “Igreja com as portas abertas a todos” os membros dos MPs, que ela

se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão ‘Justiça e Paz’, uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido-vos a todos, bispos, sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais a aprofundar este encontro (II EMMP, op.cit., vol. 4, p.5).

A alegria de que fala o Papa aqui é fruto da convicção de que este é o caminho da Igreja, esta é sua *função social*. A tese de Weber que destacou a afinidade entre a “ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2004) pode sugerir uma afinidade nas antípodas do capitalismo, uma ‘ética religiosa periférica e profética’ afim a uma transformação das condições sociais da periferia humana. As periferias querem mudanças, precisam delas, mesmo que não o percebam nem consigam levar à prática essa mudança. A função social da Igreja se revelaria e atuaria nas margens sociais estando junto a estas e inspirando aquela *ética religiosa periférica e profética* que seria motor da transformação solidária.

Em seu diálogo com os membros dos MPs Francisco reconhece o modo diverso de conhecer a realidade que é próprio das periferias. Ele parece indicar uma *epistemologia periférica*, algo como as “Epistemologias do Sul” de Boaventura Souza Santos (SANTOS e MENESES, 2010). Nesta, o mecanismo de conhecimento passa pela *experiência do encontro* pessoal e direto. O Papa o explica:

quando recordamos estes “rostos e estes nomes” [dos sofredores] estremeçam-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos, todos nos comovemos.... Porque “vimos e ouvimos”, não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne. Isto é muito diferente da teorização abstrata ou da indignação elegante. Isto comove-nos, move-nos e procuramos o outro para nos movermos juntos. Esta emoção feita ação comunitária é

incompreensível apenas com a razão: tem um *plus* de sentido que só os povos entendem e que confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares (II EMMP, op.cit., p.10-11).

É de fato uma epistemologia própria, sem importância para o discurso dominante e único, sem registro na história e irrelevante para a maior parte da academia, mas necessária para se entender a humanidade da periferia. Semelhante a ideia do grito da “dor secular” de Desroche. Citando Georges Duhamel, lembra Desroche que há um “tesouro” de séculos de sofrimento que não poderia simplesmente desaparecer, pois o “mundo está cheio de uma dor que grita, que pede justiça e reparação através dos séculos” (DESROCHE, 1949, p.70). Este sociólogo afirma, seguindo J. Maritain, que estes milhões de homens estão “trabalhando nos porões da história” e que são mantidos por uma “esperança obscura”, mas que estão contidos no “mistério evangélico das margens da história” que fala de um Deus que veio encontrar “àqueles cuja existência foi uma falha ou, ao menos, um desperdício, seguramente uma *margem*. É por estes sua predileção. É com estes que ele quer construir seus amanhã [...] os *Pobres, os Doentes, as Crianças*”, as periferias que são a “noite” da história humana, mas também seu “terreno específico” (Idem). É neste sentido que o Papa testemunha a seu favor perante a história:

Vi-vos trabalhar incansavelmente pela terra e a agricultura camponesa, pelos vossos territórios e comunidades, pela dignificação da economia popular, pela integração urbana das vossas favelas e agrupamentos, pela autoconstrução de moradias e o desenvolvimento das infraestruturas do bairro e em muitas atividades comunitárias que tendem à reafirmação de algo tão elementar e inegavelmente necessário como o direito aos “3 T”: terra, teto e trabalho (II EMMP, op.cit., p.11).

As pessoas na sua concretude, não como “conceitos” ou “ideias”, são o objeto da percepção solidária e profética porque elas são amadas, “ninguém ama uma ideia”, diz o Papa. É pelas pessoas reais que os MPs devem construir “uma alternativa humana à globalização exclusiva” (II EMMP, p.12). Este é também o caminho da Igreja que “não pode nem deve ficar alheia a este processo no anúncio do Evangelho” (II EMMP, p.13), Francisco reconhece o trabalho de sacerdotes e agentes pastorais que realizam uma “tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos de todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação” (idem). O Papa confia que a cooperação entre a Igreja e as periferias em movimento pode “robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança” (idem). Francisco, contudo, propõe três

tarefas aos MPs. A primeira é *“pôr a economia ao serviço dos povos”* (II EMMP, p.14); ele assevera que os MPs não devem servir ao dinheiro, pois ele *“reina em vez de servir”*. É preciso atenção a esta economia que mata, exclui e destrói a Mãe Terra. A verdadeira economia é aquela que permite aos homens *“uma infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de atividade e ter acesso a uma digna aposentadoria na velhice”* (II EMMP, p.15). A segunda tarefa será a de *“unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça”* (II EMMP, p.17). Francisco lembra a história sofrida da América Latina – ele a conhece muito bem – e mostra com alegria o conhecimento dos avanços que este continente conquistou a duras penas. A terceira tarefa que Francisco propõe *“e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe Terra”* (II EMMP, p.22). Há interesses *“globais, mas não universais”* que se impõem sobre *“Estados e organismos internacionais”* para destruir a criação. *“Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se”* (idem) para defender aquela que alguns povos originários chamam de Pachamama, no ‘dialeto franciscano’, a irmã terra. O Papa conclui este discurso que foi o maior entre os três e o mais participado com um apelo profético: *“O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos”* (II EMMP, p.23); e como ele é o representante máximo da Igreja e quer assegurar que os homens e mulheres de boa vontade que fazem parte do cristianismo profético estão unidos à luta dos MPs pela transformação do mundo, termina com um compromisso: *“Estou convosco”* (idem).

Discurso do III EMMP, Vaticano, novembro de 2016.

Neste terceiro discurso, Francisco inicia chamando os membros dos MPs de *“poetas sociais”*; são *“milhões de pequenas e grandes ações interligadas de modo criativo, como numa poesia”* (III EMMP, op.cit., vol. 8, p.6). O mote desta poesia é *“abraçar um projeto de vida que rejeite o consumismo e recupere a solidariedade, o amor entre nós e o respeito pela natureza como valores essenciais”*. Poesia sobre a *“felicidade de ‘viver bem’ aquilo que reclamais, a ‘vida boa’, e não aquele ideal egoísta que enganosamente inverte as palavras e propõe a ‘boa vida’”* (III EMMP, p.7).¹⁶

¹⁶O pensamento decolonial nos últimos anos, na procura de alternativas à colonialidade ocidental do saber, volta seu olhar ao *“bom viver”* andino. A expressão Qichua *“SumakKausay”* (bom viver) não diz respeito apenas ao saber, mas à totalidade da vida coletiva.

Com otimismo, Francisco avalia os EMMP: “Acho que este nosso diálogo, que se acrescenta aos esforços de muitos milhões de pessoas que trabalham diariamente pela justiça no mundo inteiro, começa a ganhar raízes” (III EMMP, p.8). Para este encontro propõe mais alguns temas, como primeiro destes, cita o “terror e os muros” (III EMMP, p.9). Ele se refere ao terrorismo e aos muros que querem impedir as migrações, lembra o “fio invisível” que mencionou na Bolívia, “aquela estrutura injusta que une todas as exclusões que vós padeceis, pode consolidar-se e transformar-se num chicote, num chicote existencial” que “escraviza, rouba a liberdade, golpeia sem misericórdia certas pessoas e ameaça constantemente outras, para abater todos como reses, até onde o dinheiro divinizado quiser” (idem).

O segundo ponto da reflexão é justamente sobre “amor e pontes” (III EMMP, p.12). Ele fala das iniciativas dos povos da periferia que são como que uma cura para este sistema: “criando uma cooperativa, recuperando uma fábrica falida, reciclando os descartes da sociedade consumista, enfrentando a inclemência do tempo para vender numa praça, reivindicando um pequeno pedaço de terra para cultivar e alimentar quem tem fome” (III EMMP, p.13), quando os pobres fazem isso, imitam Jesus, procuram curar, “mesmo que seja só um pouco e de modo precário, esta atrofia do sistema socioeconômico imperante que é o desemprego” (idem). Francisco, com seriedade lembra que este modo de agir atrai a perseguição dos poderosos do sistema, “Sei que muitos de vós arriscam a vida [...] não há maior amor do que dar a própria vida. É isto que Jesus nos ensina” (idem). O terceiro ponto é sobre a “falência e o resgate” (III EMMP, p.14). Francisco lembra que no Dicastério do Desenvolvimento Humano Integral há um setor que cuida dos migrantes e que, por sua disposição, reporta-se ao Papa, “porque se trata de uma situação infamante, que só posso descrever com uma palavra que me brotou espontaneamente em Lampedusa: vergonha!” (III EMMP, p.15)

O que acontece com o mundo de hoje que, quando se verifica a falência de um banco, imediatamente aparecem quantias escandalosas para o salvar, mas quando ocorre esta falência da humanidade praticamente não aparece nem uma milésima parte para salvar aqueles irmãos que sofrem tanto? E assim o Mediterrâneo tornou-se um cemitério, e não apenas o Mediterrâneo... (III EMMP, p.15-16)

A falência dos bancos é mais importante que a vida das mulheres, dos homens, das crianças e idosos. Aqui Francisco faz um apelo aos membros dos MPs, de não hesitarem em participar da “política grande”, ela é “uma das formas mais altas da

caridade” (III EMMP, p.18), pensamento de Pio XII retomado por Paulo VI. O Papa alerta para os riscos “de se deixar esquivar e o risco de se deixar corromper”, é preciso fugir da tentação de se esquivar da *política grande* e o de se submeter aos *esquemas* de poder. “Assim a democracia se atrofia, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai-se desencantando [...] estais chamados a revitalizar, a refundar as democracias que estão a atravessar uma verdadeira crise” (III EMMP, p.19). As periferias, o mundo também precisa de luta contra a desigualdade. “A desigualdade é a raiz dos males sociais”¹⁷. A Igreja, assume o Papa, também precisa participar nesta renovação política. “Há corrupção na política, há corrupção nas empresas, há corrupção nos meios de comunicação, há corrupção nas igrejas e há corrupção também nas organizações sociais e nos movimentos populares” (III EMMP, p.20), o antídoto, segundo Francisco é a “austeridade moral, austeridade no modo de viver, austeridade na maneira como levo por diante a minha vida, a minha família” (III EMMP, p.21). Não está falando aqui da austeridade que este sistema impõe para esmagar os pobres, também não da vida austera de poupança do protestante calvinista estudado por Weber (2004), mas aquela que é objeto de seu apelo:

À pessoa que seja demasiado apegada às coisas materiais ou ao espelho, a quem ama o dinheiro, os banquetes exuberantes, as casas sumptuosas, roupas de marca, carros de luxo, aconselharia que compreenda o que está a acontecer no seu coração e que reze a Deus para que o liberte destes laços. Mas, parafraseando o ex-presidente latino-americano que está aqui [Pepe Mujica], todo aquele que seja apegado a estas coisas, por favor, que não entre na política, não entre numa organização social ou num movimento popular, porque causaria muitos danos a si mesmo, ao próximo e sujaria a nobre causa que empreendeu. E que também não entre no seminário! (idem)¹⁸

Assim como o profeta Jesus incomodava as elites e as classes médias de seu tempo, os profetas de todos os tempos incomodam os privilegiados e atraem os excluídos do mundo e seus defensores. Desroche lembra este profetismo em seus *messianismos e milenarismos* (DESROCHE, 2000). Estes foram formas de insurreição à opressão dos pobres, as margens/periferias. São os Pobres que carregam “os pecados do mundo”, pois a “substância da dor do Pobre” é a substância da alegria do rico. O grande mistério é que eles também carregam a *esperança*. Esta parece que vem do alto, é a “lei dos itinerários

¹⁷Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 202.

¹⁸ Aqui Francisco se refere ao lugar de formação do sacerdote católico.

rumo a Deus” que, de alguma forma, aponta para o desapego, a misericórdia e a solidariedade; é aí que a “luz de Deus se levanta” (DESROCHE, 1949, p.79). O marxismo também pode ser afetado por esta tentação “político-estratégica” de um “centro de consciência e consistência”. Há sempre a ameaça de ruptura entre os intelectuais e o povo onde as periferias podem ficar esquecidas. Isto serve também para a Igreja quando ela cai na autorreferencialidade e esquece-se de olhar para *a carne dos homens sofredores*, também ela esquece que a “essência da religião” é oferecer a vida pela vida alheia num processo de libertação perene (DESROCHE, p.83).

Considerações finais

O pontificado de Francisco está sendo objeto de múltiplos estudos. O diálogo aberto pelo Papa com os “MPs” tem aspectos inéditos e inesperados. Embora seus discursos nos EMMPs voltem seu olhar em direção dos “pobres” e, nesse sentido, represente uma retomada de aspectos básicos da Teologia da libertação dos anos sessenta, notamos que o profetismo de Francisco está em sintonia com as mudanças mundiais e as reivindicações dos movimentos sociais das últimas décadas. O conceito “MPs” adquiriu nos discursos de Francisco uma abrangência inédita relacionada a problemas sociais, econômicos e políticos em escala global. O sistema capitalista hegemônico é questionado radicalmente pelo seu caráter desumano e destruidor da natureza. Ao mesmo tempo, o discurso teológico pontifício redimensiona o alcance político dos MPs. Enquanto os “novos movimentos sociais” da virada de século distanciaram-se de preocupações vinculadas ao poder político, o discurso de Francisco recoloca a crise de e a crítica ao papel do Estado. Levando em consideração a influência de seus dois antecessores (João Paulo II e Bento XVI), que marcaram um claro distanciamento do discurso da Igreja oficial em relação aos mais vulneráveis, pode-se concluir que o projeto pontifício de Francisco representa sim uma “virada profética”.

Referências bibliográficas

- ALONSO Ángela, “As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate” in *Lua Nova*, n 76, 2009
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*, São Paulo, Companhia das letras, 2006
- BRIGHENTI, Argenor. *Os Desafios para Igreja no Século XXI*. SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA, Pindamonhangaba, SP, 19 de maio de 2007.

Disponível em < <http://www.cefep.org.br/wp/wp-content/uploads/2017/09/osdesafios.doc>>. Acesso em setembro de 2018.

CAMACHO, Daniel e MENJÍVAR, Rafael. *Los Movimientos Populares en América Latina*. Cidade do México, Siglo XXI Editores, 2005.

CHAUMEIL, Jean-Pierre. *Voir, Savoir, Pouvoir. La Chamanismo chez les Yaguas du Nord-Est Péruvien*, Paris, EHESS, 1983

COMBLIN, José. Sinais dos Novos Tempos, 40 anos depois do Vaticano II. In MOREIRA, A. da S. et al. *A primavera interrompida. O projeto Vaticano II num impasse*. Livros digitais Koinonia, vol. II, 2006. Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf>>. Acesso em setembro de 2017.

CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco: teología, ética y política - 1a ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Manantial, 2016.*

DESROCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. São Bernardo do Campo, Umesp, 2000.

DESROCHE, Henri. *Signification du marxisme*. Paris, Éditions Ouvrières, 1949.

DESROCHE, Henri. *Sociologia da esperança*. São Paulo, Paulinas, 1985 a.

DUVIOLS Pierre, *La lutte contre les religions autochtones dans le Pérou*. Lima, Instituto Frances de Estudos Andinos, 1971

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. São Paulo, Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo. Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Coleção Sendas. Edições CNBB. Volumes 1 e 4, 2015. Volume 8, 2016.

GOHN, Maria da Glória. *TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS*. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo, Loyola, 1997.

MENDONÇA, A.G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *ESTUDOS AVANÇADOS*, 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a04v1852.pdf> Acesso em setembro de 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Editora Cortez, 2010. WACHTEL Nathan, *Deuses e Vampiros. De volta a Chipaya*, São Paulo, Unesp, 1997.

WEBER, Max, *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Volume 1. Brasília, Ed Unb, 1991.

RECEBIDO em 09/01/19
APROVADO em 13/01/20